

TRABALHO DE CURSO

**O PAPEL DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Daniela Cristina dos Santos Gazaro
Abelardo Luz/SC, dezembro de 2018

TRABALHO DE CURSO

O PAPEL DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Curso – TC apresentado ao Curso de Especialização em Educação: Educação e Prática de Ensino, do Instituto Federal Catarinense – Campus Avançado Abelardo Luz, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Jorge da Cunha Dutra

Daniela Cristina dos Santos Gazaro
Abelardo Luz/SC, dezembro de 2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática do ICMC/USP, cedido ao IFC e
adaptado pela CTI - Araquari e pelas bibliotecas do Campus de Araquari e Concórdia.

G289p Gazaro, Daniela Cristina dos Santos
O papel da afetividade na Educação Infantil /
Daniela Cristina dos Santos Gazaro; orientador
Jorge da Cunha Dutra. -- Abelardo Luz, 2018.
16 f.

Artigo (artigo) - Instituto Federal Catarinense,
campus Abelardo Luz, Especialização em Educação:
Educação e Prática de Ensino, Abelardo Luz, 2018.

1. Afetividade. 2. Educação. 3.
Aprendizagem. I. Dutra, Jorge da Cunha. II. Instituto
Federal Catarinense. Especialização em Educação:
Educação e Prática de Ensino. III. Título.

BANCA AVALIADORA

Prof. Dr. Jorge da Cunha Dutra – Orientador

Instituto Federal Catarinense – Campus Avançado Abelardo Luz

Prof^a. M^a. Liamar Bonatti Zorzanello

Instituto Federal Catarinense – Campus Avançado Abelardo Luz

Prof. M^o. André Franzoni Alexandre

Instituto Federal Catarinense – Campus Avançado Abelardo Luz

O PAPEL DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Daniela Cristina dos Santos Gazaro¹

Jorge da Cunha Dutra²

Resumo: Por meio desta pesquisa objetivamos investigar a importância da afetividade no ambiente escolar, tendo como ponto significativo no desenvolvimento ensino aprendizagem da criança, buscando analisar de que forma a afetividade contribui para melhorar o desempenho e autoestima dos alunos da educação infantil. Repensar o papel do educador, analisando o conceito de afetividade na educação pelas doutrinas que abordam o assunto. Buscou-se correlacionar o papel da afetividade no desenvolvimento lógico do ser humano; e estabelecer a relação entre os estágios de desenvolvimento cognitivo e a afetividade. Concluiu-se que a afetividade sempre fez parte da vida de todos, e a partir de um determinado tempo começou-se a estudar a interferência da afetividade na aprendizagem desde a Educação Infantil. É necessário que o educador esteja ciente, de que a afetividade não diz respeito apenas a gestos de carinhos e atenção, mas que também manifesta emoções, que ultrapassam o contato físico permeando o lado cognitivo de desenvolvimento da criança. A forma pela qual será expresso o afeto seja gestual ou verbal, que conduzirá a criança a se tornar um cidadão consciente e ao mesmo tempo crítico, para que se sinta parte da sociedade, consequências essas que será visível diariamente.

Palavras-chave: Afetividade; Educação; Aprendizagem.

Abstract: This research aimed to investigate the importance of affectivity in the school environment, having as a significant point in the development of child learning, trying to analyze how affectivity contributes to the kindergarten students best performance and self - esteem. Rethinking the role of the educator, analyzing the concept of affectivity in education by the doctrines that approach the subject. Afterwards, we seek to correlate the role of affectivity in the logical development of the human being; to establish the relationship between the stages of cognitive development and affectivity. It was concluded that affectivity was always part of everyone's life, and from a certain time began to study the interference of affectivity in learning since Early Childhood Education. It is necessary for the educator to be aware that affectivity does not only concern gestures of caring and attention, but also expresses emotions that surpass physical contact permeating the child's cognitive developmental side. The way in which affection will be expressed is either gestual or verbal, which will lead the child to become a conscious and at the same time critical citizen, so that he feels a part of society, consequences that will be visible daily.

Keywords: Affectivity; Education; Learning.

INTRODUÇÃO

A temática abordada neste artigo procura retratar a influência da afetividade no ambiente escolar, refletindo sobre a importância desta no desenvolvimento cognitivo da criança. A escolha do tema partiu da análise da temática da afetividade nas necessidades presentes no dia-a-dia das crianças.

¹ Autora do presente Trabalho de Curso - TC. Licenciada em Pedagogia (CESAB). Acadêmica no curso de Especialização em Educação pelo Instituto Federal Catarinense – Campus Avançado Abelardo Luz. E-mail: daniela_gds18@hotmail.com

² Orientador do presente Trabalho de Curso – TC. Licenciado em Pedagogia (FURG) e em Filosofia (UFPel). Mestre e Doutor em Educação (UFPel). Professor de Filosofia e Diretor de Desenvolvimento Educacional do Instituto Federal Catarinense – Campus Avançado Abelardo Luz. E-mail: jorge.dutra@ifc.edu.br

A identificação com esta linha de pensamento fez com que despertasse o interesse no estudo, relatando a importância da afetividade, a qual leva as crianças a terem um desenvolvimento melhor, auxiliando sua existência enquanto aluno e pessoa. Neste sentido, o objetivo principal da pesquisa foi o de verificar a influência da afetividade para o desenvolvimento do ser humano, especificamente na educação infantil.

A metodologia utilizada na investigação foi a pesquisa bibliográfica, a partir do viés de Marconi e Lakatos (2007), e a pesquisa exploratória, relatando a importância da afetividade na educação infantil como contribuição no ensino aprendido dos educandos. Para tanto, em primeiro momento buscou-se analisar o conceito de afetividade na educação pelas doutrinas que abordam o assunto. Na educação escolar, aspectos como o vínculo afetivo, a aprendizagem, a motivação e a disciplina, são meios de conseguir o autocontrole consciente e subconsciente do educando.

Em segundo momento, busca-se relacionar o papel da afetividade no desenvolvimento lógico do ser humano; estabelecer a relação entre os estágios de desenvolvimento cognitivo e a afetividade; estimular nos alunos, desde o início da infância, valores que tenham uma boa socialização com as pessoas e com o mundo, não como necessidade mas com um dever (ou missão) de cada educador.

O ambiente escolar muitas vezes é o local onde a criança se encontra na maior parte de seu tempo. Por conta disso, muitos deles convivem mais com os professores do que com seus familiares. É aconchegante ter certa intimidade ao falar com seu professor, até mesmo a confiança em ser abraçada. A criança é receptora de informações e sentimentos, é tão maravilhoso quando os alunos encontram um professor que transmite alegria e carinho; a escola é a segunda casa, sendo que muitas vezes eles buscam suprir a carência que falta em outros espaços. E porque não na escola, e no carinho de seu professor? O papel do professor é de grande valia e deve impor certos limites para ajudar a criança a se descobrir e ter comprometimento.

Considerando que as emoções levam as crianças a caminhos que resultarão no seu futuro, se falta afeto em casa e o aluno busca na escola, assim como também na sala de aula, ao encontrar um professor inseguro, nervoso, fica difícil a criança reagir de maneira diferente. Nosso exemplo enquanto educador, com um clima aconchegante, torna tudo mais leve; um ambiente pesado e sem vida certamente será desgastante para as duas partes. O contrário disso é aquele professor disposto, que almeja a chegada dos alunos, receberá os mesmos carinhos. É essencial fortalecer vínculos com os alunos, a afetividade fortalece a relação aluno e professor,

e essa afinidade estimula a melhoria da autoestima. Se ambos tiverem sentimento de ternura se sentirão confiantes nessa convivência dentro da sala de aula, refletindo no desenvolvimento da aprendizagem.

Quando a autoestima diminui, automaticamente passa a tomar espaços os conflitos onde surgem problemas e confrontos. Reconhecer os alunos pelos seus pontos favoráveis é sempre melhor do que criticá-los. É claro que a escola não é o grande responsável pela educação das crianças, mas é fundamental, sendo gratificante para todos os envolvidos, a saber: escola, professor, aluno, família e sociedade.

Logo a escolha deste tema leva a contribuição da discussão de que a afetividade contribui para o melhor desempenho em todos os aspectos, sendo estes capazes de auxiliar na relação entre aluno e professor.

1. O AFETO E SEU IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

O primeiro contato da criança com a escola é um dos momentos mais significativos do trajeto educacional escolar, porque ocorre uma quebra de vínculo emotivo familiar, é o sentimento de rompimento com a família para o primeiro contato social extra-familiar que a criança vai experimentar. O ingresso na escola vem com uma carga de novidades muito grandes, pois a criança deixará de vivenciar momentos com a família para partilhar com pessoas estranhas. Por isto, este momento deverá ser muito agradável. Este contato impactará a vida da criança para sempre e os reflexos o seguirão por todo o trajeto escolar.

1.1 CONCEITUALIZAÇÃO DA AFETIVIDADE

Em relação ao conceito de afetividade, Ferreira (1975, p. 44), no dicionário Aurélio, define como:

Qualidade ou caráter de afetivo e conjunto de fenômenos psíquicos, que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza.

Dessa forma, pode ser dito que a afetividade é um estado psicológico que conecta vários tipos sentimentais que manifestarão os sentimentos mais profundos e complexos de um ser humano. Isto é um sentimento visível na relação entre pessoas, ligadas pelo amor e pelo medo da perda, o que acaba desencadeando outras emoções e desejos, como ciúme, ódio, inveja e saudade, entre outros.

1.2 AFETIVIDADE E O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO

Segundo Piaget (1976, p. 16) o afeto é essencial para o raciocínio e o desenvolvimento da inteligência:

[...] vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização. Assim é que não se poderia raciocinar, inclusive em matemática, sem vivenciar certos sentimentos, e que, por outro lado, não existem afeições sem um mínimo de compreensão.

De outro modo, Freire (1996, p. 96) enfatiza as características do professor que envolve afetivamente seus alunos, afirmando que:

O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

Portanto, fica claro que quando o professor desenvolve afetividade para com as crianças, tudo se torna mais fácil. Tanto a aprendizagem quanto a disciplina melhoram se o professor tiver um bom vínculo afetivo com a turma.

De acordo com La Taille (1992), a afetividade está inteiramente ligada ao intelectual, agindo como um despertador para as motivações, as ações e a razão, por isso que muitas vezes temos mais interesse pelo que gostamos. Almeida (2008) destaca que na concepção walloniana, o ser humano, desde o nascimento, depende do outro, com o qual se relaciona para se desenvolver. Por isso, as relações sociais são responsáveis pela a afetividade moral das crianças, sendo que “ao longo do desenvolvimento do indivíduo, esses fatores em suas interações recíprocas modificam tanto as fontes de onde procedem as manifestações afetivas quanto as suas formas de expressão” (ALMEIDA, 2008, p. 347).

Nesse mesmo sentido, nas palavras de Piaget (2007, p. 21), “existe, com efeito, um paralelo constante entre a vida afetiva e a intelectual”, assim, quanto mais trabalhada a afetividade da criança, mais desenvolvida será a intelectualidade da mesma. Ainda para o autor, a afetividade permeia o desenvolvimento intelectual, na forma de motivação e interesse, podendo o desenvolvimento ser dividido em dois componentes: um cognitivo e um afetivo; considerados como duas peças fundamentais para os processos de ensino e de desenvolvimento adequados da criança, desencadeando informações biológicas, como sentimentos, interesses, desejos, tendências, valores e emoções. O afeto se desenvolve no mesmo sentido que a cognição

ou inteligência, tornando difícil encontrar um comportamento apenas da afetividade, sem nenhum elemento cognitivo e vice-versa.

Souza (2003) relaciona a expressão do afeto com o interesse do “eu”. Dessa forma, a identificação cognitiva permeará o entorno da compreensão da individualidade pessoal. A interação do indivíduo, do “eu” com a realidade e organização racional é definida por Piaget (2007) em quatro diferentes etapas de operações lógicas que permitem distinguir um ser do outro, frisa-se que para esta abordagem é importante atentar apenas para as duas primeiras etapas. Desse modo:

1. O primeiro estágio é denominado sensório-motor: ocorre de zero a dois anos aproximadamente, período anterior à linguagem. É o estágio dos primeiros hábitos motores, no qual a criança tem uma atividade intelectual sensória e motora, ou seja, não representa mentalmente os objetos, sua ação é direta sobre eles: “Ainda não apresenta afetividade ligada a representações que permitem evocar pessoas ou objetos na ausência deles” (PIAGET, 2007, p. 11);

2. O segundo estágio é denominado, pré-operacional: ocorre de dois a sete anos de idade aproximadamente. Nele a criança desenvolve a capacidade simbólica e surgem os primeiros sentimentos sociais, onde os principais instrumentos utilizados são a representação e a linguagem falada. Este estágio caracteriza-se pela inteligência intuitiva, sentimentos interindividuais espontâneos e relações sociais de submissão ao adulto;

3. O terceiro estágio é conhecido como das operações concretas: ocorre de sete a doze anos, coincide com o começo da escolaridade, apresenta modificações no desenvolvimento mental. Segundo Piaget (2007) observa-se o aparecimento de novas formas de organização, e novas atitudes sociais, fase da estabilização. Neste período o desenvolvimento caminha do pensamento pré-lógico à solução dos problemas concretos, ocorre então o início da autonomia;

4. O quarto e último estágio é o das operações formais: ocorre a partir dos doze anos, a adolescência, caracterizado como último período da evolução cognitiva, que passa por um desequilíbrio provisório.

Os estágios apresentados por Piaget (2007) sofrem influência destes fatores externos, bem como, do meio familiar, social e econômico, fazendo com que a criança amadureça em períodos diferentes. Este cenário traz ao debate o respeito às diferenças globais e específicas, pois se trata de pessoas com a mesma idade cronológica, mas diferentes histórias de vida e diferentes idades afetivas e cognitivas.

Neste modo, cada estágio é responsável por reflexos e emoções pessoais e intrapessoais, que resultaram nos impulsos afetivos, em que a consciência do “eu” passará a reconhecer e identificar sinais de afeto, criando e fortalecendo o equilíbrio entre a vida afetiva e intelectual da criança.

2. EDUCAÇÃO INFANTIL COMO LAÇOS AFETIVOS

A afetividade muitas vezes é responsável pelas escolhas e ações desenvolvidas pela criança, porque é através do afetivo que ela incorpora ao cognitivo e intelectual questões de valores, interesses e motivações. Dessa forma, se incorporada a afetividade no processo de educação infantil, as questões de escolhas da criança poderão ser moldadas ou alteradas de acordo com a abordagem de valores estabelecidas pelo educador, interferindo diretamente na formação pessoal e no direcionamento destas escolhas.

Cabe ressaltar, que no trato diário com a criança certos sentimentos e emoções devem ser evitados:

[...] evitar despertar nas crianças determinados sentimentos negativos, como hostilidade, desprezo, ciúme e inveja que em nada contribuem para o convívio em sociedade. [...] despertando a cooperação e não a rivalidade. [...] A família e a escola têm uma participação íntima, pois são um meio favorável à aprendizagem de sentimentos que marcam a vida da criança. Por isso, já nos primeiros anos escolares, o professor deve ser competente em preparar a criança para viver em coletividade (ALMEIDA, 2008, p. 353).

Além disso, La Taille (1992) identifica que as fases de desenvolvimento ou de passagem da criança para a fase adulta, além da evolução da prática dependem da consciência de regras, que pode ser dividida em três etapas, nas quais integram o lúdico e a afetividade.

1) *A primeira é a etapa da Anomia* – até 6 anos – não seguem regras coletivas. Interessam-se por objetos que satisfaçam seus interesses motores;

2) *A segunda etapa é Heteronomia* – até 10 anos – é mais comum o interesse em participar de atividades coletivas e regradas, tendem a participar de atividades uma ao lado da outra, do que contra a outra;

3) *A terceira etapa é a Autonomia* – compreendem claramente regras e acordos mútuos, conseguem perceber o ‘si próprio’ na cooperação ou em grupo, já desenvolvem rivalidades.

O desenvolvimento psicológico reflete na demonstração da afetividade e o meio no qual a criança está envolvida também é fator importante para este desenvolvimento:

A afetividade é um elemento cultural que faz com que tenha peculiaridades de acordo com cada cultura. Elemento importante em todas as etapas da vida da pessoa, a afetividade tem relevância fundamental no processo ensino aprendizagem no que diz respeito à motivação, avaliação e relação-professor e aluno (VYGOTSKY, 1998, p. 42).

La Taille (1992) também aborda que o pensamento humano só tem uma compreensão completa quando o seu intelecto está desenvolvido, unificado pelas convivências nas quais está inserida. A razão, muitas vezes, é a última esfera a ser utilizada, pois o pensamento humano está interligado a base afetiva, pois as crianças aprendem muitas vezes com os exemplos, por não terem maturidade suficiente para agir por si próprio, sendo levados pelas relações afetivas que são propulsoras no ensino aprendizagem.

Tem-se então que “a afetividade seria a primeira forma de interação, com o meio ambiente e a motivação primeira do movimento [...]. As emoções são, também, a base do desenvolvimento do terceiro campo funcional, as inteligências” (WALLON, 1995, p. 42).

Assim:

A afetividade é um domínio funcional, cujo desenvolvimento depende da ação de dois fatores: o orgânico e o social. Entre esses dois fatores existe uma relação recíproca que impede qualquer tipo de determinação no desenvolvimento humano, tanto que a constituição biológica da criança ao nascer não será a lei única do seu futuro destino. Os seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias sociais da sua existência onde a escolha individual não está ausente (WALLON, 1995, p. 288).

Para este pensador “a emoção ocupa o papel de mediadora. O processo de desenvolvimento infantil se realiza nas interações, que objetivam não só a satisfação das necessidades básicas, como também a construção de novas relações sociais, com o predomínio da emoção sobre as demais atividades” (LA TAILLE, 1992, p. 85). Destaca ainda que Wallon também recomenda que as interações emocionais devam “se pautar pela qualidade, a fim de ampliar o horizonte da criança e levá-la a transcender sua subjetividade e inserir-se no social” (LA TAILLE, 1992, p. 85).

Já Almeida (1999, p. 51), ao referir-se a Wallon, destaca “que a afetividade e a inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica, pois ambas têm funções bem definidas e, quando integradas, permitem à criança atingir níveis de evolução cada vez mais elevados”.

Nesta concepção walloniana é primordial que o educador aprenda a enfrentar o estado emotivo da criança de forma que estimule o seu crescimento intelectual, cognitivo e pessoal, destacando que tanto a emoção quanto a inteligência são fatores que impulsionarão este

desenvolvimento individual da criança. Nos dias atuais, os fatores externos têm uma grande influência nesses estados de desenvolvimento, sendo que o avanço rápido da tecnologia e o fácil acesso as informações, podem interferir no amadurecimento da criança. Por isso é importante o professor estar sempre atento a essas mudanças e preparar uma aula bem formulada, pois os interesses podem ser influenciados pelo momento e o meio onde convivem. Daí a necessidade de afetividade, pois as motivações tendem a ser completadas por disposições afetivas tendo um melhor sentido e causando um certo equilíbrio.

Visto que as emoções destacam-se com papel predominante no desenvolvimento cognitivo, Lisboa (1998, p. 63) diz que para um desenvolvimento pessoal adequado:

As creches e escolas são de grande importância para desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças [...]. Nesses locais, elas têm de aprender a brincar com as outras, respeitar limites, controlar a agressividade, relacionar-se com o adulto e aprender sobre si mesma e seus amigos, tarefa estas de natureza emocional [...] fundamental para as crianças menores de seis anos é que elas se sintam importantes livres e queridas.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, preconiza-se que: “A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996, art. 29). Nesse campo, o professor/educador também tem papel fundamental no desenvolvimento da afetividade. De acordo com Chalita (2004, p. 33), “[...] afetividade é ter afeto no preparo, afeto na vida e na criação. Afeto na compreensão dos problemas que afligem os pequenos [...]”.

Importante destacar que a família é prioridade no desenvolvimento da criança. Quando se trata do emocional, muitas vezes, ela é inserida na escola desde muito pequena, passando a vivenciar outros cenários capazes de alterar o seu raciocínio. Sendo assim, a família está relacionada aos cuidados, facilitando esses novos vínculos que serão criados ao passar dos anos, e deve preparar a criança para a sociedade, pois na escola é um aparato de diversidades. Neste sentido, é importante que os familiares ajudem-na no processo de escolarização, para que possam crescer seguras e se construam seres humanos melhores, pois, de acordo com Almeida (1999, p. 50) “[...] as relações familiares e o carinho dos pais exercem grande influência sobre a evolução dos filhos em que a inteligência não se desenvolve sem a afetividade”. Esta ideia também é reforçada por Chalita (2004, p. 23), quando diz que “A família tem como função primordial a de proteção, tendo, sobretudo, potencialidades para dar apoio emocional para a resolução de problemas e conflitos [...]”.

Os fatores destacados são de fundamental importância nas relações familiares, que apresentaram para as crianças os primeiros laços afetivos, uma vez que “o aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual. Ele pode acelerar ou diminuir o ritmo de desenvolvimento. Ele pode determinar sobre que conteúdos a atividade intelectual se concentrará” (WADSWORTH, 1997, p. 23).

A importância da afetividade no processo intelectual do ensino aprendizagem é apresentada também por Hillal (1985, p. 18), em que destaca a afetividade como:

O suporte da inteligência, da vontade, da atividade, enfim, da personalidade. Nenhuma aprendizagem se realiza sem que ela tome parte. Muitos alunos há cuja inteligência foi bloqueada por motivos afetivos; outros há cuja afetividade não resolveu determinados problemas, apresentando falha no comportamento. A afetividade constitui a base de todas as reações da pessoa diante da vida de todos os seus acontecimentos, promovendo todas as atividades.

De modo claro e sucinto, em resumo a estas concepções apresentadas, a “inter-relação é o fio condutor, o suporte afetivo do conhecimento” (SALTINI, 1997, p. 89) e por isso mesmo deve ser levada em consideração, principalmente na escola. Portanto, podemos compreender que a inteligência é um conjunto de funções, atitudes e habilidades que compõe a pessoa, oriunda da forma de como ela vai ser moldada, sendo que ela é multidirecional e multifuncional, o medo e a agressão, por exemplo, são fatores que podem ser desencadeados se a criança não receber afeto.

Saltini também se refere à questão da manutenção da serenidade por parte do professor e da criança. Como explica o autor,

A serenidade e a paciência do educador, mesmo em situações difíceis faz parte da paz que a criança necessita. Observar a ansiedade, a perda de controle e a instabilidade de humor, vai assegurar à criança ser o continente de seus próprios conflitos e raivas, sem explodir, elaborando-os sozinha ou em conjunto com o educador. A serenidade faz parte do conjunto de sensações e percepções que garantem a elaboração de nossas raivas e conflitos. Ela conduz ao conhecimento do si-mesmo, tanto do educador quando da criança (SALTINI, 1997, p. 91).

Segundo Rossini (2001, p. 16) “se o ser humano não está bem afetivamente, sua ação como ser social estará comprometido, sem expressão, sem força, sem vitalidade. Isto vale para qualquer área da atividade humana, independentemente da idade, sexo e cultura”. De modo semelhante, Sarnoski, (2014, p. 02) afirma que “a afetividade é a dinâmica mais profunda e complexa de que o ser humano pode participar, ela é a mistura de todos os sentimentos como: amor, motivação, ciúme, raiva e outros”. Deste modo, será aprendendo a cuidar e a controlar de forma adequada todas as emoções que o sujeito alcançará uma vida emocional equilibrada.

A educação de um sujeito é construída em vários locais, sendo esses em casa, na escola e em todos os lugares em que frequenta as diferentes experiências de cada um, podem ser somadas ou descartadas, dependendo muito do valor que esse sujeito dará ao que conheceu.

Segundo Alves (2011, p. 3), muito mais que o cognitivo, os aspectos afetivos são de extrema relevância, assim:

O estabelecimento de condições adequadas para a interação não pode estar pautado somente em questões cognitivas. Os aspectos emocionais e afetivos são tão relevantes quanto os cognitivos, principalmente para os alunos prejudicados por fracassos escolares ou que não estejam interessados no que a escola pode oferecer. A afetividade, o grau de aceitação ou rejeição, a competitividade e o ritmo de produção estabelecidos em um grupo interferem diretamente na produção do trabalho.

Conforme Sarnoski (2014), a importância da relação entre a emoção e a atividade intelectual encontra-se na sala de aula, mostrando que tanto o professor quanto o aluno poderão passar por momentos emocionais durante o processo de ensino aprendizagem. “Como meio social, é um ambiente diferente da família, porém bastante propício ao seu desenvolvimento, pois é diversificado, rico em interações, e permite à criança estabelecer relações simétricas entre parceiros da mesma idade e assimetria entre adultos” (SARNOSKI, 2014, p. 5-6). Ao professor na sala de aula, não cabe apenas transmissão de conhecimento, uma vez que a afetividade contribui para a aprendizagem, considerando que ele conversa e escuta os alunos, e essa troca é uma atitude que incentiva o aluno a defender suas opiniões e opções pessoais.

A autora Alencastro (2009, p. 17) reforça a ideia de que “a escola deve propiciar um espaço para reflexão sobre a vida do aluno como um todo, contribuindo para o seu desenvolvimento por completo, considerando que a afetividade é um mecanismo que engloba a maioria dos seus valores pessoais”. A afetividade é intrínseca ao ser humano desde seu nascimento; o relacionamento com o outro ocorre a todo o momento, independente da sua vontade.

Assim o professor constrói em sala de aula uma relação de professor-aluno que requer que ele se disponibilize de corpo inteiro para poder identificar cada tipo de emoção que o aluno expressa no ambiente escolar, faz parte do trabalho do docente, por isso é fundamental o entrelaçamento de afeto professor-aluno e até mesmo com os colegas em sala de aula.

Por isso, de uma forma adequada a criança sendo potencializada. Constroem-se etapas evolutivas através do campo afetivo, favorecendo a aprendizagem. Relacionando o ensino com as situações em que o educando está inserido seria uma alternativa, valorizando seus feitos, mesmo que não esteja suficiente perante os demais. Conseqüentemente, isso causará um maior

comprometimento com as tarefas e com as pessoas inseridas na escola.

Nesse sentido, Freire (1997, p. 12) nos lembra de que educar:

É uma tarefa que requer de quem com ela se compromete um gosto especial de querer bem não só aos outros, mas ao próprio processo que ela implica. É impossível ensinar sem essa coragem de querer bem [...], sem a capacidade forjada, inventada, bem cuidada de amar. É preciso ousar para dizer, cientificamente e não bla-bla-blamente, que estudamos, aprendemos, ensinamos conhecemos com nosso corpo inteiro. Com sentimentos, com emoções, com desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica. Jamais com esta apenas. É preciso ousar para jamais dicotomizar o cognitivo do emocional.

Sendo assim é importante ressaltar as palavras de Vygostsky (2003, p. 121) nas quais “as reações emocionais exercem uma influência essencial e absoluta em todas as formas de nosso comportamento e em todos os momentos do processo educativo”. A utilização dos meios em que será repassado o conhecimento deve despertar interesse, para que, através do emocional do educando, possa haver conforto e liberdade até mesmo na escolha dos assuntos a serem estudados. Isso dará uma maior credibilidade sendo gratificantes para as duas partes.

Percebe-se assim que há um vasto acervo tratando de um tema aparentemente simples. Isso nos leva a crer que, principalmente na Educação Infantil, uma boa afetividade entre educador e educando marcará positivamente a trajetória escolar das crianças/adolescentes. Uma vez que estabelecido um vínculo de confiança todo o processo de ensino/aprendizagem fica mais fácil e prazeroso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os autores Borba e Spazziani (2005, p. 02) explanam que “a afetividade é fator fundamental na constituição do sujeito”. A afetividade é o primeiro instinto de sobrevivência do ser humano, o contato materno logo após o nascimento instaura vínculos imediatos com o meio social, é a primeira manifestação de relação pessoal.

Ao abordar a afetividade na educação infantil, a pesquisa se propôs a dizer qual a influência da afetividade para o desenvolvimento do ser humano, especialmente na educação infantil. Após a coleta, a seleção de informações e as abordagens do assunto, verificou-se que a escola além de exercer papel fundamental no ensino aprendizagem de conhecimentos e saberes, também é formadora de cidadãos, sendo principal propulsora da cidadania. Ela é responsável juntamente com a família pela formação de caráter e valores das crianças.

É na escola que as crianças desenvolvem relações inter e intrapessoais, em que entram em contato com várias realidades e situações distintas ao mesmo tempo desenvolvendo amizades, conceitos, críticas e diálogos, fatores que impulsionam as ações e escolhas da criança.

Um ponto que merece destaque são as palavras de Luckesi (1984, p. 213), que deixa claro que “o desenvolvimento do educando pressupõe o desenvolvimento de diversas facetas do ser humano: a cognição, a afetividade, a psicomotricidade e o modo de viver. Educação tem que ser não o que pensar, mas sim como pensar”. Para isso o professor também precisa estar com sua afetividade e o cognitivo amadurecidos e preparados para enfrentar tais situações. Faz-se necessário relacionar os conteúdos aos valores primordiais da sociedade em que o aluno está inserido para efetivar mudanças de convívio familiar, escolar e social. Entretanto, esta mudança só ocorrerá se houver a “conquista” do aluno para a causa em questão e isto só se dá por meio da afetividade.

Medidas disciplinadoras que são vistas nas escolas e nas famílias também são necessárias para o amadurecimento afetivo/emocional da pessoa, pois não basta ser reconhecido apenas como cidadão. É preciso ser reconhecido como ser humano, cidadão do mundo, e neste processo, a convivência com colegas, pessoas adultas (professores e funcionários) e conhecimentos do mundo em que se vive são fundamentais, pois constituem a base para as relações intra e interpessoais quando adulto e inserido na sociedade.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, C. E. **As Relações de Afetividade na Educação Infantil**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://pedalvorada09.pbworks.com/f/afetividade.pdf>>. Acesso em: 05 abr 2018.

ALMEIDA, A. R. S. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papirus. 1999.

ALMEIDA, A. R. S. A afetividade no desenvolvimento da criança: contribuições de Henri Wallon. **Inter-Ação**: Revista da Faculdade de Educação da UFG, v. 33, n. 2, p. 343-357, jul./dez. 2008.

ALVES, F. **Afetividade na Prática Docente no Ensino Escolar Fundamental**. Maringá/PR – UEM, 2011. Disponível em: <http://www.crc.uem.br/pedagogia/documentos/franciele_alves.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2018.

BORBA, V. R. S.; SPAZZIANI, M. L. Afetividade no contexto da Educação Infantil. GT: Educação de Crianças de 0 a 6 anos. 30ª Reunião Anual da ANPED. **Anais...** Caxambu, 2005.

Disponível em: <<http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT07-3476--Int.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

BRASIL. **Lei nº. 9.394/96**: Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm>. Acesso em: 10 abr. 2018.

CHALITA, G. **Educação**: a solução está no afeto. São Paulo: Editora Gente, 2004.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio XXI**: o dicionário da Língua Portuguesa. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'Água, 1997.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

HILLAL, J. **Relação professor – aluno**: formação do homem consciente. São Paulo: Paulinas, 1985.

LA TAILLE, Y. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: Teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

LISBOA, A. M. J. **O seu filho no dia-a-dia**: dicas de um pediatra experiente. Vol. 3, Brasília: Linha Gráfica, 1998.

LUCKESI, C. C. Avaliação educacional escolar; para além do autoritarismo, Tecnologia Educacional. **ABT**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 61, p. 6-5, nov./dez., 1984.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 6ª edição, São Paulo: Atlas, 2007.

PIAGET, J. **A construção do real na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

_____. **Seis estudos de psicologia**. Tradução Maria Alice Magalhães D. Amorim e Paulo Sergio Lima Silva. 24 ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2007.

_____. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

ROSSINI, M. A. S. **Pedagogia Afetiva**. Petrópolis: Vozes, 2001.

SALTINI, C. J. P. **Afetividade e inteligência**. Rio de Janeiro: DPA, 1997.

SARNOSKI, E. A. Afetividade no Processo de Ensino-Aprendizagem. **Revista de Educação do Ideau**, Vol. 9 – Nº 20 - Julho – Dezembro, 2014. Semestral. Disponível em: <http://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/223_1.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2018.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **A formação social da mente.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

WADSWORTH, B. J. **Inteligência e Afetividade da criança na teoria de Piaget.** Tradução Esméra Rovai. 5 ed. São Paulo: Pioneira, 1997.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança.** 2 ed. Lisboa: Edições 70, 1995.